

Por uma erótica solar

João da Mata

Ainda vivemos com demasiada intensidade um corpo platônico, cindido e esquizofrênico. Cortando em duas partes, a hegemonia do pensamento sobre as sensações continua a reinar fortemente, e sua incidência começa cedo e continua pela vida: em casa, nas escolas, na lógica do trabalho e na produção do dinheiro.

A tradição hegemônica do dualismo platônico, radicalizado e pulverizado graças ao esforço do cristianismo, tratou de apontar o corpo como o local do erro. A alma tomada como superior, eterna e imutável, adquire importância e supremacia sobre as sensações corporais, pois delas advém o “desvio moral”. A vitória do platonismo encontra nas religiões monoteístas em geral, fortes aliadas voltadas ao empenho de afastar do corpo a possibilidade de extrair sentidos da própria existência.

Este legado representa a vitória de uma visão de mundo idealizada, presa ao campo do imaginário. O platonismo estabelece as bases do abandono do corpo, o desprezo pela carne e pela matéria, e a consequente valorização da alma. Por conseguinte, o discurso apaziguador e dócil das religiões esconde o verdadeiro objetivo de sua moral: a restrição à liberdade e à vivência do prazer. Surge ainda a ideia do corpo como o *locus* do pecado, que passa a partir daí a criar uma série de mistificações sobre o desejo, a sexualidade, os homossexuais, as mulheres e o livre pensamento. As sequelas, e sob as quais a maior parte das pessoas vive ainda hoje o cotidiano de seus corpos são bastante conhecidas: culpabilidade, temores, medo, angústia, revolta contra si próprio, sentido de perversidade e desvalorização da carne.

Na espreita desse pensamento, fabricam-se a castidade, a virgindade e a vergonha do prazer, para então desaguar no casamento como contrato social, essa sinistra combinação gregária e seu erotismo de rebanho. Pensar, portanto, uma ética voltada à eleição do prazer, significa confrontar-se contra esta tradição, assim como voltar-se para uma filosofia do corpo, atea e sensualista, que busque combater modos de vida assujeitados e conservadores.

Querer um corpo não cindido, pagão e sensualista é inscrever-se no mundo de forma radicalmente contrária ao ideal ascético, a partir de uma dinâmica que se faz mediante uma energia de que o corpo é portador. A reconciliação com a corporeidade

passa inevitavelmente por acabar com os mundos remotos, os céus e os supostos lugares por onde habitam as ideias e as essências.

A afirmação de uma erótica solar, ao romper com esta tradição, inscreve a matéria como a própria “instância” onde se origina e se exerce o prazer. Energia que percorre o corpo, movida pelos sentidos, para enfim, produzir nossa inscrição no mundo. A erótica solar é praticada nas carnes vivas, movidas pelo desejo que percorre o corpo em sensações imanes, distantes de idealismos e transcendências. Desejar deriva da necessidade de uma dinâmica fisiológica, assim como de uma imanência corporal.

O filósofo francês Michel Onfray na elaboração do que chamou de *materialismo hedonista*, defende o prazer como virtude ética e elabora uma genealogia possível sobre a moral cristã, considerada por ele como “uma máquina de fazer anjos”. Para tal, percorre uma galeria de devassos, cujo trajeto hedonista revela a história de homens e mulheres que não compreendiam a possibilidade de modos de vida sem seus cruzamentos com a insubmissão e o prazer. Homens e mulheres para quem os instantes fugidios da sabedoria aconteciam em co-extensão com os instantes culminantes de rebeldia, satisfação e gozo.

O propósito do qual defende Onfray em seu materialismo hedonista é de colocar-se contra o que julga ser a hipocrisia, a moral moralista, a ideia do pecado e do medo que fazem do corpo e do prazer algo que se deva ter aversão e horror. Por que culpabilizar o desejo e a sensualidade, por exemplo, e não a fome e o descanso? São todas elas sensações percorridas pela matéria.

São as morais ascéticas que transformaram o prazer e o gozo em algo que se deva ter vergonha, em escondê-la pelo medo da crítica social. Mas na verdade, são sensações fisiológicas que estão para além da classificação de bem ou mal. Nas filosofias materialistas, a fisiologia está a serviço da liberdade, entendida como a capacidade de exercer a autonomia a partir das informações obtidas no contato com a realidade e das impressões corporais advindas daí.

Seguimos na direção daqueles que procuram afirmar um certo monismo filosófico que conduz à invenção do corpo uno e material, radicalmente imanente, que nos forneça informações do mundo a partir do contato direto com ele, distante de qualquer verdade que se coloque como ideia em si. A experiência e a sensação são tomadas como premissas para o acesso ao acontecimento. Corpo em movimento, carne

percorrida por energias agradáveis e distantes daqueles desagradáveis: a apropriação da corporeidade produz uma sabedoria do organismo.

Contra o corpo esquizofrênico, comum naqueles que vivem modos de vida acomodados e temerosos, acreditamos que não deva haver depreciação da carne. O dualismo, a alma imaterial, a transcendência ou um além-mundo fazem parte de uma tradição tão forte quanto ficcional. É apenas no aqui e agora, no mais puro encontro com o real, que afirmamos nossa existência atomista: a matéria, a vida, o vivo.

Uma erótica solar rompe com a lógica que situa o desejo como carência, para então afirmá-lo como transbordamento. O prazer não se define pela completude, mas na conjugação que trás o excesso e a demasia. Sendo descarga, derramamento, o desejo na erótica solar pressupõe excesso, dispêndio de energia e realização do corpo. Aqui, em substituição à noção de algo completar na busca do prazer e toda a mística que se cria em torno dela, emerge o suplemento.

A aposta em uma cultura erótica que entende o prazer como potência se ocupa em produzir efeitos estéticos e júbilos na existência. Como contraponto a uma libido melancólica, a erótica solar é o prazer sem culpa, sem medo. Mais que isso: é o próprio vitalismo que anima a vida. Uma perspectiva ética, que também é estética e tem como objetivo contraposicionamentos e práticas de resistência às morais moralistas.

Nas relações libertárias, pautadas no desejo mútuo e na autonomia entre os envolvidos, a erótica solar é vivida entre pessoas que buscam conservar as prerrogativas e o uso de sua liberdade. Ela advém do erotismo que pauta o desejo encarnado, despudorado e inventivo. Aliás, (re) criar-se nas relações que podemos chamar de amorosas, faz parte do espírito livre e rebelde que só aceita estar com outro pela livre associação.

Sempre que possível vale à pena nos questionar como vivemos nossos amores e o exercício de nosso prazer. A diferença entre uma relação sexual duradoura e o estabelecimento de casamento compulsório é grande. As armadilhas da dependência, do medo e da alienação de si criam um sutil verniz que ofusca a liberdade e a vivência do prazer.

Isso me faz lembrar o libertário e iconoclasta Roberto Freire, quando escreveu em seu *Ame e dê Vexame* o que chamou de declaração do amante anarquista: "Porque eu te amo, tu não precisas de mim. Porque tu me amas, eu não preciso de ti. No amor,

jamais nos deixamos completar. Somos, um para o outro, deliciosamente desnecessários”.

Esta é a aposta de uma erótica alegre e solar, que é potência selvagem e sem lei.

João da Mata é Dr. em Psicologia – UFF e Dr. em Sociologia – Univ. de Lisboa. Trabalha com a Soma – uma terapia anarquista há vinte anos. Autor de “Prazer e Rebeldia”, entre outros.